I.

Líderes europeus adiam para Dezembro análise aos progressos nas negociações do Brexit. Decisão tomada durante Conselho Europeu.

E na Republica Checa: Andrej Babis, eurocéptico, político multimilionário e com campanha anti-migração vence as eleições parlamentares no país.

Ainda nesta edição: Portugal e Espanha pedem à Europa fundo de solidariedade devido aos incêndios.

II.

Bem-vindos ao Magazine Europa!
Os líderes europeus adiaram para Dezembro a análise aos progressos feitos nas negociações do Brexit. A factura a pagar pela saída da Grã-Bretanha da União Europeia ou os direitos dos cidadãos são questões que ainda não têm resposta…
Bruxelas mantém-se optimista. Jean-Claude Juncker, Presidente da Comissão Europeia, nega a possibilidade de não haver um acordo.

Jean-Claude Juncker, Presidente da Comissão Europeia
Nós estamos a trabalhar não é para que não haja um acordo. Odeio cenários onde não haja acordo. E nem sei o que isso significa. Ainda ninguém me explicou até hoje quais seriam as consequências de um cenário sem acordo. Não sou a favor de um não-acordo, quero ter um acordo justo com a Grã-Bretanha.

Connosco, a partir de Bruxelas temos ao telefone Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa e consultor internacional baseado na capital belga.

Victor, em relação às negociações do Brexit, nova análise ao progresso das negociações adiada para Dezembro. Era o que se esperava?
Eu penso que sim, penso que os líderes europeus estão descontentes com a maneira como o processo está a decorrer, o processo está muito lento, mas por outro lado procuram dar alguns sinais de encorajamento e alguns sinais positivos. Na realidade, os líderes europeus tinham que encontrar um equilíbrio entre fazer avançar o processo e, por isso, ser muito francos em relação à falta de progresso e, por outro lado, do outro lado da balança eles têm de continuar a apoiar Theresa May. Os líderes europeus consideram que Theresa May é, apesar de tudo, o melhor interlocutor britânico que podem ter. Se ela sair - e Theresa May está numa posição

extremamente frágil no seio da classe política do seu partido, dos dirigentes políticos do seu partido - muito provavelmente quem viria a tomar a liderança do Governo britânico, teria um líder ainda mais radical, ainda mais difícil de negociar com a União Europeia.

Esta reunião ficou também marcada pelo corte de fundos de pré-adesão à Turquia. Não foram suspensas as negociações com Ancara no que diz respeito à adesão da Turquia à União Europeia, mas o Conselho Europeu penalizou Tayyip Erdogan. É uma relação cada vez mais difícil esta entre Ancara e Bruxelas...
A verdade é que a agenda do Conselho Europeu tinha muitos temas, mas o tema da Turquia e o tema do Brexit foram os temas dominantes, o que mostra quais são as grandes preocupações neste momento na Europa. E as relações entre a União Europeia e a Turquia estão neste momento numa situação de muita tensão. Essa tensão tem sido agravada pelo facto das relações bilaterais entre a Alemanha e a Turquia estarem numa situação muito difícil. Têm existido vários incidentes entre o governo alemão e Erdogan, a classe a política turca, e evidentemente isso tem uma repercussão muito grande no relacionamento da União Europeia com a Turquia, e nomeadamente, na questão do processo de adesão. Porque se vê que a Turquia está numa deriva antidemocrática, está numa deriva que concede poderes excepcionais ao presidente Ergogan e, além disso, considera-se também que a Turquia neste momento, nomeadamente ao comprar sistemas de armamento à Rússia, está a sair do espaço de defesa ocidental. E tudo isto evidentemente causa imensas preocupações.

E além da Turquia e do Brexit, o que que há mais a reter desta reunião do Conselho Europeu?
Eu penso que o terceiro grande tema continua a ser o tema das migrações. Os líderes europeus foram muito claros no apoio que continuam a dar à Itália e à Grécia na tentativa de resolver os problemas que as migrações causam a estes dois países (...). Além da questão da migração, houve outras questões importantes: a questão da defesa continua a ser uma questão muito importante. Falou-se das questões externas, e nomeadamente do Irão e da Coreia do Norte, e evidentemente da economia digital, que é uma das grandes temáticas da agenda de Jean-Claude Juncker.
No final, eu penso que seria importante realçar que houve quatro personalidades que marcaram este Conselho Europeu. Merkel é quem define a agenda, continua a ser a líder europeia por excelência; Macron veio ao Conselho Europeu, mas ainda não é ouvido, nota-se perfeitamente que tem uma agenda europeia, mas neste momento ainda é considerado como um líder relativamente recente e júnior. Por outro lado, o presidente do Conselho Europeu, Donald Tusk, saiu mais forte, ele está a dar uma boa direcção ao

Conselho Europeu. E também Mariano Rajoy, que conseguiu mobilizar o apoio da União Europeia ou, pelo menos, o silêncio dos países da União Europeia no que diz respeito às questões internas de Espanha.

Victor, e na semana passada também uns dias antes do Conselho Europeu, os ministros dos Negócios Estrangeiros da União reafirmaram que vão continuar a cumprir o acordo internacional de 2015 sobre o programa nuclear iraniano. Isto mesmo depois de o presidente dos Estados Unidos ter ameaçado retirar esse apoio. Trump disse estar disposto a abandonar o acordo se não forem corrigidos "vários defeitos" e deu 60 dias ao Congresso para decidir se voltaria a impor sanções económicas a Teerão. Que leitura é que se pode fazer da posição tomada pela UE?
A União Europeia reconhece que depois de vários anos de negociações e de vários países comprometidos com um processo de acordo, se chegou a um acordo com o Irão que é um acordo possível, que é um acordo bastante positivo e razoável. Voltar a reabrir essa pasta seria voltar atrás muitos anos e, provavelmente, agravar a instabilidade no Médio Oriente. Neste momento, quer na Europa, quer em certos círculos americanos, pensa-se que a única agenda que Donald Trump tem é tentar desfazer, tentar anular tudo aquilo que o presidente Obama conseguiu obter.

III.

Eleições na República Checa dão vitória a candidato anti-migração. Depois de Sebastian Kurz, na Áustria, o multimilionário checo Andrej Babis vem juntar-se a um grupo de líderes que está a desafiar Bruxelas. Mais com a jornalista Sofia Jesus.

Populista, arrojado e o segundo homem mais rico da República Checa. Há quem compare o empresário Andrej Babis ao presidente norte-americano Donald Trump. Incluindo na aversão que o multimilionário tem à imigração.
Babis foi o vencedor das eleições legislativas deste Sábado na República Checa. A Aliança dos Cidadãos Descontentes foi responsável por uma campanha que se centrou na Zona Euro, na corrupção e na migração. Alcançou a vitória com 29,6 por cento dos votos.
O partido de direita ODS ficou em segundo lugar com 11,3 por cento dos votos, seguindo-se o Partido Pirata com 10,7 por cento. Já a Democracia Directa e Liberdade, o partido de extrema-direita de Tomio Okamura, obteve o quarto lugar com 10,6 por cento e 22 lugares no parlamento. Os sociais-democratas, até então a primeira

força política do país, alcançaram apenas 15 assentos parlamentares.
Andrej Babis é eurocéptico e fez uma campanha contra a política de acolhimento de refugiados de Bruxelas. É também uma figura controversa. Este ano, em Maio, foi afastado do cargo de ministro das Finanças para ser investigado por alegadas fraudes fiscais.

Victor, Babis terá agora de procurar uma coligação e já está mesmo reunir-se com alguns partidos. Como poderá ser a composição do próximo governo da República Checa?
Provavelmente vai tentar encontrar uma coligação com os partidos mais moderados. Neste momento, o panorama político checo é um panorama muito fracturado, tem nove partidos no parlamento. O partido de Andrej Babis tem muitos lugares no parlamento e provavelmente se ele conseguir fazer uma aliança com os sociais-democratas e com os cristãos-democratas poderia provavelmente governar. Mas vai ser difícil, na medida em que o relacionamento de Andrej Babis com os dirigentes sociais-democratas é um relacionamento muito, muito difícil. É preciso não esquecer que os sociais-democratas estavam no poder, que ele era ministro das Finanças e foi demitido do Governo e acusado de fraude de fundos europeus.
Nós estamos a assistir na Europa Central não só a um aprofundamento muito perigoso dos nacionalismos, também estamos a assistir à propagação de ideias xenófobas, mas também estamos a assistir a uma situação de eurocepticismo. Este eurocepticismo tem um pouco a ver com o sentimento que Bruxelas trata o Leste e o centro europeu como uma parte da Europa de segundo nível. E esse tipo de sentimento neste momento é reconhecido em Bruxelas, está a ser combatido, ou seja, Bruxelas diz que não, que todos são cidadãos europeus, mas a verdade é que existe um crescimento do eurocepticismo e do nacionalismo nesta parte da Europa.

Neste momento estão a soar vários alarmes na Europa, incluindo, como temos vindo a acompanhar aqui, a situação em Espanha. Depois do referendo catalão, considerado ilegal pelo Governo de Madrid, o Conselho de Ministros espanhol aprovou a destituição do governo de Puigdemont. Mariano Rajoy disse que quer convocar eleições antecipadas na Catalunha o mais depressa possível. Vamos ouvir as declarações:

Mariano Rajoy, Pres. do Governo de Espanha
Não se suspende a autonomia nem o autogoverno da Catalunha. Afastam-se as pessoas que colocaram esse autogoverno fora da lei e da constituição, e do estatuto.

É a primeira vez que o Governo de Espanha vai accionar o artigo 155. Como é que se espera que agora o governo de Puigdemont e todos aqueles que querem a independência actuem daqui para a frente?
Tudo pode acontecer antes da efectivação do artigo 155. Este artigo só vai ser aprovado pelo senado espanhol no final desta semana ou no início da próxima semana. Temos pela frente vários dias de incerteza em que tudo pode acontecer, nomeadamente podemos assistir a uma situação em que o parlamento da região catalã decida declarar unilateralmente a independência. De qualquer modo, Mariano Rajoy vai ter um problema muito grave para resolver na Catalunha, na medida em que toda a administração regional e local catalã foi penetrada, gradualmente, ao longo dos anos, por quadros independentistas. Neste momento, Madrid vai ter que trabalhar directamente com uma estrutura de comando, com uma estrutura burocrática na Catalunha que é contrária à unidade espanhola e que é fortemente pela independência. Nós iremos assistir durante à aplicação do artigo 155 a uma resistência muito grande da administração regional e local na Catalunha dos quadros mais importantes dessa administração. Isso provocará tensões contínuas e iremos certamente assistir a manifestações de rua por parte daqueles que são a favor da independência da Catalunha.

IV.

Portugal e e Espanha vão accionar fundo europeu de solidariedade na sequência dos incêndios de Outubro. O Governo português espera que os gastos com os incêndios fiquem fora dos cálculos do défice estrutural, como conta a Antena1.

[*Para acelerar e facilitar o pedido e alcançar uma resposta mais rápida, Portugal e Espanha vão unir esforços junto do Fundo Europeu de Solidariedade.*
"Foi acordado com o Presidente Rajoy que Portugal e Espanha iam trabalhar em conjunto para apresentar um pedido em comum, visto que grande parte dos danos são danos comuns ou em continuidade das mesmas circunstâncias e assim contamos poder ter junto da Comissão Europeia cada um de nós maior eficácia na obtenção destes resultados".
No fim do Conselho Europeu António Costa saudou a vontade da União Europeia de voltar a analisar a existência de uma protecção europeia civil comum, mas mais eficaz.
Jean-Claude Juncker, o presidente da Comissão Europeia e Antonio Tajani, o presidente do Conselho Europeu já insistiram nesta necessidade.

"A Comissão está a estudar a recuperação da proposta do antigo comissário Michel Barnier sobre a criação de uma força europeia de protecção civil e ele, estando aqui hoje no Conselho, teve aliás a oportunidade de ele próprio recordar essa sua proposta. Do mesmo modo, espero que o Conselho venha a acolher favoravelmente a posição do comissário Moscovici sobre o tratamento a dar para a relevância das despesas com o combate aos incêndios para efeitos do tratamento do défice português".
Pierre Moscovici disse que o mesmo já foi feito com outros países e deve ser o que vai acontecer com as despesas e os prejuízos que Portugal tem com os incêndios que no caso dos de Outubro serão mais elevados que os registados em Pedrógão Grande.]

A área que já ardeu no país já é seis vezes superior à média registada nos últimos oito anos, de acordo com dados da UE. Representa também mais de metade da área ardida em toda a Europa. O que é que tem falhado na política nacional de combate contra os incêndios?
A verdade é que os incêndios mostram duas grandes deficiências de Portugal. Uma delas é o facto de que a Administração Pública, nomeadamente na área do ordenamento do território, das florestas e também da agricultura é uma administração muito fraca. Nos últimos dez ou 15 anos, os ministérios da agricultura, os departamentos que tratam das florestas, etc... viram o seu número de funcionários serem reduzidos de uma maneira espectacular. A segunda grande questão é que nós estamos a assistir a incêndios em zonas do país onde a propriedade agrícola está extremamente fragmentada, as parcelas são muito pequenas, muitas vezes estas parcelas estão ao abandono, porque as pessoas migraram para os centros urbanos e noutros casos são pessoas idosas e pessoas pobres que estão a tomar conta das suas parcelas e não têm de modo algum meios para limpar, por exemplo, as matas, para tratar das terras como deve de ser.
É preciso resolver o problema das florestas, mas também é preciso ter em conta de que se trata de uma situação de desertificação do interior e que no Interior do país ficaram apenas os mais vulneráveis e aqueles que têm menos condições para responder aos grandes desafios da natureza.

E os incêndios estiveram na agenda do Conselho Europeu que como já dissemos hoje aqui reuniu-se na semana passada. Antonio Tajani, presidente do Parlamento Europeu, disse que "o actual mecanismo europeu de Proteção Civil não funciona, dispondo apenas de um avião Canadair italiano". Tajani apoia então a proposta de Jean-Claude Juncker da criação "de uma força de iniciativa europeia, que possa intervir em caso de calamidade". Victor, esta pode ser uma possibilidade?

O mecanismo europeu de protecção civil não tem condições para responder rapidamente aos pedidos de ajuda. Aliás, verificou-se isso em relação a Portugal. O avião italiano disponível, que deveria ter chegado a Portugal no Domingo, ou o mais tardar na segunda-feira de manhã, chegou apenas na quarta-feira à tarde, ou seja, estivemos à espera de ajuda europeia durante três ou quatro dias. Isto significa, por um lado, que é preciso rever o funcionamento do mecanismo e foi isso que Jean-Claude Juncker decidiu, prometeu, aliás, que será proposto um novo modelo nas próximas quatro semanas. Mas por outro lado isto também significa que a resposta a este tipo de problemas como os incêndios tem que ser antes de tudo uma resposta ao nível nacional. Cada um dos países tem que ter meios para responder de imediato a situações como aquela que Portugal viveu neste Verão e há cerca de uma semana e meia.

V.

Connosco ao telefone Victor Ângelo, comentador do Magazine Europa. E antes de terminar, ficamos com uma nota cultural.
Hoje trazemos uma sugestão de cinema – é o primeiro filme animado feito exclusivamente de pinturas a óleo. "Loving Vincent" é uma longa-metragem sobre as últimas semanas do pintor holandês Vincent Van Gogh. Ao todo são 65.000 imagens produzidas por 125 pintores de todo o mundo e que se inspiraram em depoimentos e 800 cartas do próprio pintor.
Loving Vincent foi realização da polaca Dorota Kobiela e pelo britânico Hugh Welchman.
Nós ficamos por aqui. Até para a semana!

[ficha técnica]

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Hélder Beja, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.
As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.
O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus +. Estamos no Facebook em Magazine Europa.